

FICHA TÉCNICA

Título original: *A Little History of Economics*

Autor: *Niall Kishtainy*

Copyright © 2017 by Niall Kishtainy

Edição original publicada por Yale University Press

Ilustrações: *Hazel Partridge*

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2018

Tradução: *Sara P. Totta*

Revisão: *Tiago Marques e Carlos Jesus/Editorial Presença*

Ilustrações de Hazel Partridge

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo – Artes Gráficas, Lda.*

Depósito legal n.º 442 258/18

1.ª edição, Lisboa, julho, 2018

Reservados todos os direitos
para a língua portuguesa (exceto Brasil) à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt

ÍNDICE

1	Cabeça Fria e Coração Quente	9
2	Os Cisnes Que Voam Alto	15
3	A Economia de Deus.....	21
4	Em Busca do Ouro.....	27
5	A Recompensa da Natureza	33
6	A Mão Invisível.....	39
7	O Milho Cruza-se com o Ferro.....	45
8	Um Mundo Ideal	52
9	Demasiadas Bocas.....	58
10	Proletários do Mundo.....	64
11	Um Equilíbrio Perfeito	71
12	Não Deixarem Entrar o Sol	77
13	Os Lucros da Guerra	83
14	O Trompetista Barulhento	90
15	<i>Coca-Cola</i> ou <i>Pepsi</i> ?.....	96
16	O Homem com Um Plano.....	102
17	Exibir Dinheiro.....	108
18	Pelo Ralo abaixo	114
19	Destruição Criativa.....	120
20	O Dilema do Prisioneiro	126
21	A Tirania do Estado	132
22	O Grande Empurrão	138
23	A Economia de Tudo.....	145
24	Crescer	151
25	Doce Harmonia.....	157
26	Um Mundo em Dois.....	163
27	Encher a Banheira	170

28	Governados por Palhaços.....	177
29	A Ilusão Monetária.....	183
30	Contemplar o Futuro.....	190
31	Especuladores ao Ataque	197
32	Salvar o Desfavorecido.....	203
33	Conhecer-me Conhecendo-te	209
34	Promessas Quebradas	216
35	Mulheres Desaparecidas.....	222
36	Mentes no Nevoeiro	229
37	A Economia no Mundo Real	236
38	Os Banqueiros Ficam Loucos.....	242
39	Gigantes no Céu	249
40	Porquê Ser Economista?	256
	Índice Remissivo	263



Cabeça Fria e Coração Quente

O facto de ter este livro nas mãos coloca-o numa posição especial. Para começar, o leitor (ou quem lhe deu este livro) teve dinheiro para o comprar. Se vivesse num país pobre, a sua família estaria a sobreviver com apenas alguns dólares por dia. Grande parte do seu dinheiro iria para a alimentação e não sobraria nada para comprar um livro. Mesmo que conseguisse um exemplar, o mais provável é que ele fosse inútil para si, pois não seria capaz de o ler. No Burkina Faso, um país pobre da África Ocidental, menos de metade dos rapazes sabem ler; e apenas um terço das raparigas aprenderam a ler. Em vez de aprender álgebra ou línguas, nesse país uma rapariga de 12 anos passa o dia a carregar baldes de água para a cabana onde vive a sua família. O leitor pode não pensar em si e na sua família como sendo especialmente ricos, mas, para muitas pessoas do mundo, gastar dinheiro num livro e ser capaz de o ler poderá parecer tão provável como uma viagem à Lua.

As pessoas que ardem de curiosidade — e talvez com revolta — quanto a essa vasta diferença viram-se frequentemente para a economia. A economia é o estudo do modo como as sociedades usam os seus recursos — a terra, o carvão, as pessoas, as máquinas que estão envolvidas na produção de bens úteis, como o pão e os sapatos. A economia mostra por que razão é tão errado dizer-se que os

habitantes do Burkina Faso são pobres porque são preguiçosos, como alguns dizem. Muitos deles trabalham arduamente, porém nasceram numa economia que, como um todo, não é muito boa a produzir coisas. Porque é que a Grã-Bretanha tem os edifícios, os livros e os professores necessários para educar as suas crianças e o Burkina Faso não tem? Esta é uma questão incrivelmente difícil de responder, e ainda ninguém chegou ao seu cerne. A economia tenta fazê-lo.

Eis outra forte razão para nos fascinarmos com a economia, e talvez até para desenvolvermos as nossas próprias ideias sobre ela: a economia é uma questão de vida e de morte. Um bebé nascido hoje num país rico tem uma probabilidade mínima de morrer antes dos cinco anos. A morte de uma criança é um acontecimento raro e chocante quando ocorre. Nos países mais pobres do mundo, todavia, mais de dez por cento das crianças nunca chegam aos cinco anos devido à escassez de alimentos e de medicamentos. Os adolescentes nesses países podem considerar-se com muita sorte por terem sobrevivido.

A palavra «economia» pode parecer um pouco árida e fazer o leitor pensar numa quantidade de estatísticas aborrecidas. Mas, na realidade, o que lhe interessa é o modo como ajudar as pessoas a sobreviver e a serem saudáveis e instruídas. O modo como as pessoas obtêm aquilo de que necessitam para viver vidas plenas e felizes — e porque é que alguns não conseguem. Se conseguirmos resolver questões económicas básicas, talvez possamos ajudar todos a viver vidas melhores.

Atualmente, os economistas têm um modo particular de pensar sobre os recursos — isto é, os tijolos para construir uma escola, os medicamentos para curar doenças e os livros que as pessoas desejam. Eles falam destas coisas como sendo «escassas». Na década de 1930, o economista britânico Lionel Robbins definiu a economia como o estudo da escassez. Coisas raras como os diamantes e os pavões brancos são escassas, mas, para os economistas, canetas e livros também são escassos, ainda que o leitor consiga encontrá-los facilmente na sua casa ou numa loja local. Por escassez, querem dizer que há uma quantidade limitada, e os desejos das pessoas são potencialmente ilimitados. Se pudéssemos, compraríamos novas canetas e livros eternamente — mas não podemos, pois tudo tem um custo. Isto significa que temos de fazer escolhas.

Vamos pensar um pouco melhor sobre a ideia de custo. O custo não se cifra apenas em libras ou dólares, ou euros, apesar de estes serem importantes. Imagine um estudante a escolher a disciplina que irá estudar no ano seguinte. As opções são História ou Geografia, mas não ambas. O estudante escolhe História. Qual é o custo desta escolha? É aquilo de que abdica: a oportunidade de aprender sobre os desertos, os glaciares e as capitais. E os custos de um novo hospital? Poderíamos somar os preços dos tijolos e do ferro que seriam utilizados. Mas se pensarmos naquilo de que abdicamos, então o custo é a estação de comboios que, no seu lugar, poderíamos ter construído.

Os economistas chamam-lhe «custo de oportunidade», e é fácil não dar por ele. A escassez e o custo de oportunidade mostram um princípio económico básico: há decisões a serem tomadas, entre hospitais e estações de comboios, entre centros comerciais e campos de futebol.

A economia, então, observa o modo como usamos recursos escassos para satisfazer necessidades. Mas é mais do que isto. Como é que as opções colocadas às pessoas mudam? Aqueles que vivem em sociedades pobres enfrentam opções rígidas: uma refeição para as crianças ou um antibiótico para uma mãe doente? Nos países ricos, como os Estados Unidos ou a Suécia, as pessoas raramente enfrentam opções dessas. Provavelmente, teriam de escolher entre um relógio novo ou o último *iPad*. Os países ricos confrontam-se com sérios problemas económicos — por vezes, as empresas vão à falência, os trabalhadores perdem os seus empregos e esforçam-se para comprar roupa para os seus filhos; porém, são com menos frequência questões de vida ou de morte. Uma questão central da economia é, portanto, como as sociedades ultrapassam os piores efeitos da escassez — e porque é que algumas não o fazem nem de perto com a mesma rapidez. Uma tentativa para uma boa resposta exige mais do que o domínio do custo de oportunidade — ser-se bom em perceber se devemos ter um novo hospital ou um campo de futebol ou se devemos comprar um *iPad* ou um relógio. A resposta necessitaria de recorrer a todo o tipo de teorias económicas e a um conhecimento profundo do modo como diferentes economias realmente operam no mundo real. Neste livro, conhecer os pensadores económicos da História é um grande ponto de partida, pois as suas ideias mostram como têm sido incrivelmente variadas as tentativas dos economistas.

Os economistas estudam «a economia», obviamente. A economia é onde os recursos são consumidos, novas coisas são feitas e onde é decidido quem fica com o quê. Por exemplo, um fabricante compra tecido e contrata trabalhadores para produzir *T-shirts*. Os consumidores — eu e o leitor — vamos às lojas e, se tivermos dinheiro nos nossos bolsos, podemos comprar artigos como *T-shirts* («consumimo-las»). Também consumimos «serviços», coisas que não são objetos físicos — cortes de cabelo, por exemplo. A maior parte dos consumidores são também trabalhadores, pois ganham dinheiro graças a um emprego. As empresas, os trabalhadores e os consumidores são os elementos principais de uma economia. Mas os bancos e as bolsas de valores — o «sistema financeiro» — também influenciam o modo como os recursos são usados. Quando se empresta dinheiro a um fabricante de vestuário para construir uma nova fábrica, o empréstimo permite ao fabricante comprar cimento, que acaba por tornar-se uma parte da fábrica, em vez de ser numa nova ponte. Para obter dinheiro, as companhias por vezes vendem «ações» (ou «valores») na bolsa de valores. Se possui uma ação da Toshiba, o leitor possui uma minúscula parte da companhia e, se a Toshiba estiver em boa situação financeira, o preço das suas ações sobe e o leitor fica mais rico. Os governos são parte da economia também. Eles afetam o modo como os recursos são usados, quando gastam dinheiro numa nova autoestrada ou central elétrica.

No capítulo que se segue iremos conhecer algumas das primeiras pessoas a pensar em questões económicas: os antigos gregos. A palavra «economia» vem do grego *oeconomicus* (*oikos*, «casa», e *nomos*, «lei» ou «regra»). Portanto, para os gregos a economia lidava com o modo como as casas geriam os seus recursos. Hoje, a economia também inclui o estudo de empresas e indústrias. Mas as casas e as pessoas que vivem nelas são ainda fundamentais. Afinal, são os indivíduos que compram coisas e que compõem a força de trabalho. Portanto, a economia é o estudo do comportamento dos humanos na economia. Se lhe derem 20 euros no seu aniversário, como irá decidir gastá-los? O que faz um trabalhador aceitar um novo emprego com um determinado salário? Por que razão algumas pessoas poupam cautelosamente o seu dinheiro e outras gastam muito dinheiro num palácio para o seu cão? Os economistas procuram abordar este tipo de questões de forma científica. Talvez a palavra «ciência» o faça pensar em tubos

de ensaio borbulhantes e em equações rabiscadas em quadros de salas de aula — muito distante da questão sobre se as pessoas têm comida suficiente. De facto, os economistas tentam explicar a economia como os cientistas fazem descolar foguetões. Os cientistas procuram «leis» físicas — como uma coisa causa a outra —, tal como aquela que relaciona o peso do foguetão com a altura a que ele irá subir. Os economistas procuram leis económicas, bem como o modo como o número de habitantes de um país afeta a quantidade de comida disponível. A isto se chama «economia positiva». As leis não são boas ou más. Apenas descrevem o que existe.

Se está a pensar que deve haver mais do que isto na economia, então está absolutamente certo. Pense nas crianças africanas que não sobrevivem à infância. Será suficiente descrever a situação e deixá-la como está? Certamente que não! Se os economistas não fizessem um juízo, seriam totalmente desprovidos de coração. Outro ramo da teoria económica é a «economia normativa», que diz se uma situação económica é boa ou má. Quando sabe que um supermercado deita fora comida boa, poderá julgá-lo mau porque isso é um desperdício. E quando pensa na diferença entre um rico e um pobre, poderá julgá-la má porque é injusta.

Quando a observação precisa e o julgamento sábio se juntam, a economia pode ser uma força de mudança, para criar sociedades mais ricas e mais justas, nas quais mais pessoas são capazes de viver bem. Como uma vez disse o economista britânico Alfred Marshall, os economistas precisam de cabeça fria e coração quente. Sim, descrever o mundo como se fosse um cientista, mas ter a certeza de que o faz com compaixão pelo sofrimento humano à sua volta — e depois tentar mudar as coisas.

A economia de hoje, aquela que as pessoas estudam nas universidades, surgiu apenas recentemente, em relação aos milhares de anos de civilização humana. Ela apareceu alguns séculos atrás, quando nasceu o capitalismo, o tipo de economia que encontramos na maioria dos países. No capitalismo, a maior parte dos recursos — comida, terra e o trabalho das pessoas — é comprada e vendida por dinheiro. Este comprar e vender chama-se «o mercado». Além disso, há um grupo de pessoas, os capitalistas, que possui o capital: o dinheiro, as máquinas e as fábricas necessários para produzir bens. Outro grupo,

os trabalhadores, são empregados nas empresas dos capitalistas. Agora é difícil imaginá-lo de outro modo. Mas, antes do capitalismo, as coisas eram diferentes. As pessoas cultivavam a sua própria comida em vez de a comprar. As pessoas comuns não trabalhavam em empresas, mas para o senhor que possuía a terra em que viviam.

Comparada com a matemática ou a literatura, a economia é recente. Muito dela é sobre coisas que dizem respeito aos capitalistas: compra, venda e preços. Grande parte deste livro é sobre este tipo de economia. Contudo, olharemos também para ideias económicas de um passado remoto. Afinal de contas, toda a sociedade, capitalista ou não, tem de lidar com o problema de como alimentar e vestir o seu povo. Iremos analisar a mudança de ideias sobre a economia e ver como a própria economia mudou — como, ao longo do tempo, as pessoas tentaram ultrapassar a escassez enquanto trabalhavam nos campos e nas fábricas e se reuniam à volta das suas panelas.

Será que os economistas descrevem a economia e fazem juízos sobre ela sempre como rigorosos cientistas e sábios filósofos? Por vezes, foram acusados de ignorar as dificuldades enfrentadas por grupos de pessoas mais desfavorecidas, que são deixadas para trás enquanto a economia avança, especialmente mulheres e negros. Será porque, ao longo da História, os economistas vêm igualmente dos grupos mais favorecidos da sociedade? No início do século XXI, houve uma grande crise económica causada pelas atividades negligentes dos bancos. Muitas pessoas culpam os economistas por não a terem previsto. Alguns suspeitaram que isto sucedeu porque muitos deles foram influenciados por aqueles que beneficiam de uma economia dominada pela finança e pelos grandes bancos.

Talvez, então, os economistas necessitem de algo mais para acompanhar a cabeça fria e o coração quente: olhos autocríticos, a capacidade de ver para lá das suas próprias preocupações e formas habituais de olhar para o mundo. Estudar a história da economia ajuda-nos a fazê-lo porque, ao aprender sobre o modo como as ideias de pensadores anteriores surgiram a partir das suas preocupações e circunstâncias únicas, poderemos ver mais claramente como as nossas ideias surgem. É por isso que juntar a História às ideias é tão fascinante — e tão vital para criar um mundo no qual ainda mais de nós vivem bem.